

A LOBA

ANO 12 DK

I. Viagem

Quando Kasdhan fez doze anos, seu pai o levou na sua primeira viagem fora do continente. Era apenas um serviço de mensageiro, para o imperador lapuano, mas a uma distância incrível. Sobrevoaram os mares por semanas, parando onde dava para parar. O jovem dragão Kir quase não suportou a viagem e o próprio Kasdhan estava exausto como nunca havia ficado na vida.

Sairam do continente felino e entraram em território desconhecido: Hi-ha, a terra do povo hiena. Kasdhan pensava nas fantásticas histórias que havia ouvido e que eram consideradas fantasiosas pela maioria dos felinos. Teve a oportunidade de ver, inicialmente de longe, um grupo daquele povo, desprezado por sua aparência e hábitos.

Era um grupo errante, que fugiu apavorado quando viu os dragões. Othan riu e deu vôos rasantes sobre aquela pequena família, rindo ainda mais quando tropeçavam e caíam.

Assim, cruzaram boa parte de Hi-ha e adentraram em Canópia, a temida e legendária terra dos lobos. Ali, dizia Othan, suas peles valiam muito pouco, pois os lobos matavam felinos por instinto. Não poderiam ir além de uma fronteira estabelecida, onde seriam respeitadas como mensageiros. Othan desenrolou uma faixa de tecido vermelho, que deixou esvoaçar, e orientou seu filho a fazer o mesmo.

– Desenrole a bandeira, ou será destroçado antes de tocar o chão! – ordenou.

E então voaram em direção a uma fortaleza, encapitada nas escarpas de uma montanha muito alta.

Em sua pouca idade, Kasdhan era bem valente,

mas ver aquelas criaturas o deixou completamente arrepido. Era evidente que aqueles lobos faziam esforço para não lhe caírem em cima. Seu cheiro os atiçava. O imperador felino havia escolhido seu pai, um leão, para o serviço, porque um gato pareceria miserável àqueles enormes canídeos.

Os soldados lobos os receberam e escoltaram através de suas hostes, que estavam tão excitadas pela presença de felinos, que chegavam a babar.

Othan entregou a mensagem e recebeu outra para levar ao imperador da Lápua do Norte. Não sabia e nem queria saber o conteúdo daquelas negociações mais do que suspeitas, entre felinos e lobos, inimigos naturais. Manteve o sangue frio, não demonstrou um pingo de medo e aconselhou Kasdhan a fazer o mesmo, mas ele era só um filhote e ficou desesperado para sair dali.

Depois de pegar a carta, cumprimentou a líder dos lobos e se preparou para sair, quando a loba, em sua vistosa armadura, disse:

– Você tem mesmo muita coragem para trazer esse gatinho aqui. Eu não faria o mesmo com nenhum filhote meu.

– Ele não é um gatinho, senhora. É um leão. Não sabe o que é medo.

Pra que Othan foi dizer aquilo? A loba quis testar a veracidade e estendeu a mão para tocar Kasdhan, que recuou num salto, como um animalzinho selvagem.

A loba recolheu a mão, riu e mandou que fossem em paz. Othan lançou um olhar furioso ao filho e caminhou em direção aos dragões, seguido pelo leãozinho assustado.

Depois que deixamos a fortaleza para trás, Othan deixou extravazar sua raiva e humilhação, praguejando:

– Malditos canídeos fedorentos e babões... criaturas detestáveis! E você, se borrando de medo deles!

II. Tempestade

Uma brusca mudança no tempo frustrou os planos de Othan em deixar aquelas terras na mesma noite. Ventava forte, vinha uma tempestade e tiveram de buscar abrigo.

Encontraram uma toca rasa abandonada, ao pé de um morro cercado por uma floresta. Pousaram, cuidaram dos voadores e comeram algo.

Othan enrolou-se em suas peles e foi dormir despreocupadamente, mas Kasdhan, sabendo que ainda estavam em Canópia, não conseguiu pregar o olho. Deu apenas cochilos nervosos, acordando ao menor ruído.

De madrugada, quando a chuva já havia parado, levantou de um pulo com um som horrível, uma espécie de lamento, que parecia vir de muito perto. Parecia um animal ferido. Othan ainda dormia pesadamente e Kasdhan, com o gládio em punho, foi checar.

Bem perto deles, encontrou uma jovem loba, quase do seu tamanho, uivando de dor por estar com um pé preso a uma árvore derrubada na tempestade.

Kasdhan se aproximou e, a loba, ao perceber que não era um de sua espécie, parou de ganir e arrepiou-se toda, mostrando os dentes afiados num rosnar ameaçador. Mas aquela loba era pequena, uma jovem como ele, e desta vez o leãozinho não teve medo. Fez um gesto apaziguador e disse:

– Acalme-se, não quero machucá-la. Vou chamar meu pai, ele conseguirá soltar você.

A jovem loba apenas o olhou com olhos esbugalhados, ofegante e defensiva. Não entendeu o que Kasdhan disse, mas percebeu que não era ameaça.

Othan, muito a contragosto levantou-se e veio atrás do filhote. Quando viu a loba, hesitou em ajudá-la, mas Kasdhan tanto insistiu, que ele cedeu. Usou toda sua força para levantar um pouco o tronco e Kasdhan puxou a loba, libertando-a.

Trêmula, em sua linguagem estranha e gutural, a loba rosnou algo que parecia um agradecimento, ao mesmo tempo que se prostava diante de Kasdhan.

Muito sem jeito, Kasdhan murmurou:

– Fico feliz que esteja bem. Adeus, e vá em paz.

Porém, antes que a loba se erguesse, Othan segurou-a pelo braço com força, dizendo:

– Esses lobos asquerosos pensam que são os tais... mas olhe só para isto! Não meteria medo num filhote recém-nascido! Vou levar essa como souvenir desta maldita viagem...

Kasdhan não podia acreditar que seu pai, notório criador de encenças, estava prestes a fazer outra das suas. E tentou convencê-lo:

– Não faça isso, vai colocar os lobos atrás de nós!

– É só uma garota do povo... Pensarão que se perdeu na tempestade... e não é que se perdeu mesmo? – e ria, cheio de maldade.

– Não pedi sua ajuda para que fizesse isto! Solte-a!

Mas o pai ignorou-o e, empurrando-o para o lado, arrastou a loba para a toca. Lá, amordaçou-a e amarrou-a de um jeito que não pudesse escapar.

Othan estava fazendo aquilo por puro despeito. Apenas para humilhar os lobos. E apenas em seu coração, pois os lobos jamais iriam saber daquilo. Só Kasdhan partilharia, muito a contragosto, aquela afronta.

Com sua vítima atada como uma trouxa na garupa, Othan voou como um doido, até os dragões fraquejarem. Só então, já no meio da terra das hienas, os leões pousaram. A loba estava desesperada de dor pela longa viagem amarrada.

Ali, Othan julgava que já não corriam perigo, e desatou a loba, deixando-a apenas com uma corda no pescoço.

– Agora poderá uivar à vontade, que ninguém a ouvirá!

Mas ela não uivou mais. Encolheu-se no canto em que Othan a atou e recusou toda água e comida oferecida por Kasdhan.

Pela madrugada é que voltou a fazer barulho. Acordando irritado com seus uivos, Othan fustigou a loba até que ela se calasse. Kasdhan assistiu tudo de longe, odiando Othan mas temendo interceder, pois certamente lhe sobriaria.

Depois que Othan voltou a dormir, Kasdhan se levantou silenciosamente e foi vê-la. A loba gemia baixinho e não reagiu à sua aproximação. Primeiro, Kasdhan a afagou e depois, arriscou dar-lhe um abraço, que ela não rejeitou. passaram dois minutos assim, então o leãozinho sussurrou:

– Vou soltá-la, mas terá de fugir logo ou ele a alcançará. – e apontou para sul – Se você correr bastante sempre em direção ao sol pequeno, um dia chegará à sua terra.

Estava Kasdhan terminando de soltar a loba, quando sentiu um forte e doloroso golpe. Othan, que havia despertado e os visto dera-lhe um tremendo chute, que o atirou a três metros de distância.

– Fedelho estúpido, o que está fazendo? – rugiu furioso.

Então a loba, já solta, avançou em Othan, mordendo-lhe a perna com toda força.

Os dentes da loba eram afiados e dor foi grande, mas o leão reagiu prontamente, dando-lhe uma patada que a fez voar e cair ao lado de Kasdhan, ganindo de dor.

– Animal idiota! – e o leão já ia em sua direção, pronto para dar continuidade à punição.

Mas Kasdhan abraçou a loba com um braço e ergueu outro em direção ao pai, dizendo:

– Pare, pai! Ela só queria me defender!

– Vocês estão se aliando contra mim? Você e esse animal traiçoeiro?

– Só porque é uma loba não quer dizer que seja uma besta... por favor, liberte-a!

– Não vou soltar ninguém. Mas já que você gosta tanto dela, vamos então fazer assim: você cuida dela. Mas se deixar ela fugir, acabo com você e depois com ela! Agora faça-a entender isso e ficar quieta, que eu preciso dormir mais um pouco!

E foi dormir. Enquanto Othan roncava, satisfeito com arranjo imposto, os dois se encolheram e dormiram juntos, leão e loba, unidos pelo medo e pela dor.

Mas quando Kasdhan acordou, levou um susto. A loba havia sumido. Ele não sabia se alegrava-se por ela ou apavorava-se diante da perspectiva de enfrentar Othan. Mas com um vestígio de esperança foi fuçar as redondezas para ver se a avistava.

Estava já pensando no ia dizer ao pai, quando a loba, encharcada da água fria de um riacho próximo, saltou-lhe em cima.

Num reflexo aprendido, o leãozinho levou a mão ao gládio, mas um grande peixe caiu-lhe na cara, deixando-o atônito.

Sentada sobre ele, a loba arfava, feliz, esperando sua aprovação. Então, largando o gládio, Kasdhan começou a rir, e a loba também, com seu riso áspero, quase gutural.

– Estava pescando para mim? Boa garota! – e apertando as bochechas dela – Bonitinha!

E quando Othan finalmente se levantou, encontrou Kasdhan a assar o peixe, que tinha tamanho suficiente para alimentar a todos exalava um cheiro muito bom. A loba, ao vê-lo, arrepiou-se e tratou de se esconder atrás de Kasdhan.

Enquanto o pai devorava sua parte, Kasdhan contou:

– Foi ela quem pescou para nós!

Othan olhou para a loba, que também o fitava fixamente, sem sair de seu esconderijo.

– Pescou para você, isso sim... essa loba me testa mas fará tudo por você... acho que é isso que chamam de fidelidade canina! Melhor assim, acho que ela não desejará fugir.

Neste momento, uma pedra zuniu no ar e atingiu Othan na nuca. Zonzo, o leão se ergueu e buscou imediatamente a espada que estava na sela de Tofu. A loba, sem sair do lado de Kasdhan, começou a rosnar e então todos viram que estavam cercados por grupo de hienas armadas de fundas.

– Para trás! – Gritou Othan, fazendo movimentos ameaçadores com sua enorme espada.

Mas logo outra pedra lhe bateu na testa, nocautando-o.

Kasdhan então, com o punhal que usava para comer, chegou-se ao corpo inerte do pai e apontou-o para as hienas, que gritavam, excitadas, apertando o cerco.

E caíram-lhe em cima. Kasdhan foi dominado, mas a loba conseguiu se esquivar e saltou para a mata.

Sem conseguir alcançar a loba, as hienas trataram de amarrar os dois leões. Depois tentaram pegar os dragões, os voadores ficaram indóceis e reagiram, não aceitando o jugo das estranhas criaturas. Em meio a grande balbúrdia, duas hienas foram atiradas longe e os dragões levantaram vôo, indo para um penhasco próximo.

As hienas ficaram muitíssimo frustradas, pois pretendiam usar os voadores para levar seus ganhos. Tentaram arrastar o leão grande, mas, pesado demais, desistiram e o deixaram para trás, amarrado como estava. E levaram apenas Kasdhan,

Algum tempo depois, Othan acordou e se viu sozinho, atado e sem nenhum de seus pertences, o que o deixou irado. Contorceu-se, refolegou, urrou e não

conseguiu se livrar das cordas. Então viu a loba, em cima de um rochedo próximo, observando-o. Adoçou a voz o mais que pôde e chamou:

– Você escapou! Venha aqui, lobinha!

Mas a loba olhou para o lado, num claro sinal de desprezo. Othan mudou o tom:

– Se não me ajudar, Kasdhan morrerá e será culpa sua! Ouviu? Kadhan... morto!

Agora alerta, a loba levantou as orelhas e olhou para Othan. Não conhecia a linguagem dos felinos, mas sabia quem era Kasdhan. Apontando com os olhos para sua bota, Othan continuou:

– Há uma faca na minha bota. Pegue e corte as cordas, para que eu possa salvar Kasdhan!

Olhando para Othan com ar de superioridade e desprezo, a loba ainda esperou um pouco. Othan teve de baixar os olhos, humildemente, então ela se aproximou, tirou a faca e libertou o leão.

Assim que teve as mãos livres, Othan tomou a faca da loba e a empurrou para o lado. Só pensava nas hienas, para ele a loba já não existia mais. Resmungava, enquanto cortava as cordas dos tornozelos:

– Malditas criaturas, não sabem com quem se meteram... Vou acabar com suas raças... Se acham que podem levar meu filhote assim...

Othan assoviou e Tofu desceu do penhasco. Depois de verificar as outras armas que ainda estavam presas na sela, ele montou. A loba o rodeava, aflita. Era óbvio que queria ir junto. Mas Othan a afastou com o pé.

– Nada disso, você me atrapalharia. Fique aqui ou vá embora, agora pouco me importa!

E levantou vôo. Sabendo que Kir tentaria ficar o mais próximo possível de seu dono, Othan tentou localizá-lo primeiro. Encontrou o dragão encarapitado em um pico. Do pico, Othan tentou localizar algum vestígio do filhote, e, vendo ali perto uma pequena al-

deia de hienas composta de três ocas grandes numa clareira, para lá se dirigiu.

Dominado pela fúria Othan agiu impetuosamente. Pousou no centro da aldeia, fazendo voar fagulhas da grande fogueira e assustando as hienas ali reunidas.

Sem desmontar, instigou seu dragão a agarrar e morder as hienas próximas, enquanto, com uma maça, atingiu muitas outras, que ousaram enfrentá-lo com seus tacapes e fundas. Othan estava decidido a não se deixar atingir novamente e seu escudo aparou muitas pedras.

Diante do caos provocado pela matança, as hienas se acovardaram e fugiram para dentro das ocas. Othan foi atrás, ainda montado em seu dragão.

No interior da oca, algumas hienas mais valentes o aguardavam, encostadas na entrada, com foices erguidas e prontas para surpreendê-lo, mas Othan estacou na entrada, atraído por um uivo conhecido. Era um uivo cantado, que lembrava o nome de seu filhote. Era a voz da loba.


Em cima da menor das ocas, estava ela, uivando desesperadamente. Othan fez Tofu recuar e se dirigiu para a oca que a loba indicava.

A oca menor era uma espécie de estábulo, onde, no meio de várias outras criaturas, estava seu filhote, nu, e usando uma coleira com corrente, atada a um poste. Othan desmontou e se apressou em partir a corrente com uma machadinha.

– Ousaram tratar você assim! Hão de pagar... _ bufava indignado.

Kasdhan montou rápido em Tofu, e Othan já ia atrás, quando entraram na oca seis hienas audaciosas. Ao invés de fundas e tacapes, usavam cimitarras furtadas dos lobos e uma delas empunhava a magnífica espada de Othan.

– Eis a espada da família, que sempre volta para minhas mãos! – Othan riu da ousadia – Vou recuperá-la!



E empunhando o escudo e a maça, avançou para o grupo, distribuindo golpes formidáveis. Levou alguns golpes também, mas eram golpes desajeitados, que o feriram muito pouco. Pior sorte teve a hiena que empunhava a espada do leão negro. Teve a cabeça feita em pedaços por um golpe certo, e logo a espada trocou de mãos.

Agora com sua melhor arma, Othan decepou mãos, cabeças e pernas de tudo que lhe surgia na frente e logo se viu sózinho, no meio de um chão tinto de sangue e coalhado de corpos agonizantes.

Montou novamente no voador e tocou para fora do estábulo, mas, ao sair, deparou-se com uma multidão de hienas que não contava existir em aldeia tão pequena.

Othan não pensou duas vezes, esporeou o dragão e o fez alçar vôo, mesmo levando golpes e dentadas nas patas e na cauda.

Já do alto, Othan pode ver a turba voltar-se para a loba, puxando-a do teto da oca e nela descarregarem sua ira. Impediu o filho de olhar para trás, sabendo o quanto isso o afetaria.

– Estão brigando entre si, as idiotas! Segure-se firme, vamos! – gritou.

Voaram até o pico onde estava Kir e Kasdhan recuperou seu dragão. Depois voltaram ao sítio onde haviam pernoitado e recuperaram algumas coisas que ainda estavam lá.

Kasdhan não parava de olhar à volta para ver se a loba aparecia. Pressentindo isso, Othan tentou tranquilizá-lo à sua maneira:

– Não adianta esperar por ela, ela já está bem longe! Eu a vi atravessando a planície, indo em direção à Canópia. Eu perdi meu souvenir e você sua amiguinha. Mas saímos todos inteiros desta, isso é o que importa, não é?

O que é que Kasdhan podia fazer, senão acreditar? Ele jamais tomaria conhecimento de que, no estábulo da hienas, a loba uivava, presa no mesmo lugar onde ele estivera antes.

Fim